

A circulação transatlântica dos livros e dos jornais no século XIX: o exemplo das livrarias Garnier de Paris, do Rio de Janeiro e da Cidade do México / *La circulation transatlantique des livres et des journaux au XIX^e siècle : l'exemple des librairies Garnier de Paris, Rio de Janeiro et Mexico*

Jean-Yves Mollier*¹

Professor Doutor émerito de História contemporânea da Université de Versailles Saint-Quentin-en-Yvelines -UVSQ, França. Co-fundador e ex-diretor do centre d'Histoire culturelle des Sociétés contemporaines na UVSQ; autor de inúmeras obras sobre a história do livro, algumas das quais traduzidas para o português.

 <http://orcid.org/0000-0003-3853-8247>

Recebido em 27 out. 2019. Aprovado em: 02 nov. 2019.

Como citar este artigo:

MOLLIER, Jean-Yves. A circulação transatlântica dos livros e dos jornais no século XIX: o exemplo das livrarias Garnier de Paris, do Rio de Janeiro e da Cidade do México. *Revista Letras Raras*. Campina Grande, Edição Especial, p. Port. 9-24 / Fr. 9-24, nov. 2019. ISSN 2317-2347.

RESUMO

O exemplo dos irmãos Garnier, livreiros-editores tanto em Paris quanto no Rio de Janeiro ou ainda na Cidade do México e Buenos Aires no século XIX é revelador da intensidade das trocas de livros e jornais entre os dois lados do Atlântico. Originários da Normandia, região tradicional de caixeiros viajantes, Auguste e Hippolyte Garnier dirigiram a grande matriz *Garnier frères* em Paris, assim como a *casa editorial Garnier Hermanos*, que imprimia seus volumes em espanhol em Paris antes de exportá-los para toda a América espanhola. Baptiste-Louis Garnier foi enviado ao Rio de Janeiro, no início dos anos de 1840, para fundar a Livraria Garnier Irmãos, que se tornará, vinte anos mais tarde, a famosa Livraria de B. L. Garnier situada na Rua do Ouvidor, no coração do bairro mais comercial da capital brasileira. Assim, com o foco no terceiro Garnier, aquele do Rio, o fundador da edição brasileira, no sentido próprio do termo, propomos, neste artigo, reconstituir a história da conquista do Novo Mundo por uma família de livreiros particularmente dinâmicos.

PALAVRAS-CHAVE: Circulação de impressos; Século XIX; Irmãos Garnier.

RÉSUMÉ

L'exemple des frères Garnier, libraires-éditeurs tant à Paris quant à Rio de Janeiro ou encore à Mexico et à Buenos Aires au XIX^e siècle, est révélateur de l'intensité des échanges de livres et de journaux entre les deux côtés de l'Atlantique. Originaires de Normandie, région ayant une tradition de colporteurs, Auguste et Hippolyte Garnier dirigèrent la grande maison Garnier frères de Paris ainsi que la casa editorial Garnier Hermanos, qui faisait à son tour imprimer ses volumes en espagnol à Paris avant de les exporter dans toute l'Amérique espagnole. Baptiste-Louis Garnier fut envoyé à Rio de Janeiro, au début des années 1840, pour fonder la Livraria Garnier Irmãos qui devint, vingt ans plus tard, la fameuse Livraria de B. L. Garnier située rue do Ouvidor, au cœur du quartier le plus commerçant de la capitale brésilienne à l'époque. Ainsi, en nous concentrant sur le troisième Garnier, celui de Rio,

*

 jean-yves.mollier@uvsq.fr

¹ Tradução para o português: Kátia Aily Franco de Camargo, Professora Doutora da Universidade Federal do Rio Grande do Norte-UFRN, Brasil. kafcamargo@gmail.com; Marta Pragana Dantas, Professora Doutora da Universidade Federal da Paraíba-UFPB, Brasil. praganamarta@yahoo.fr.

fondateur de l'édition brésilienne, au sens propre du terme, nous proposons, dans cet article, de reconstituer l'histoire de la conquête du Nouveau Monde par une famille de libraires particulièrement dynamiques.

MOTS-CLÉS: Circulation des imprimés; XIX^e siècle; Frères Garnier.

1 Introdução

Para se poder compreender a importância e a intensidade das trocas entre a Europa e as Américas, ao longo do século XIX, basta se lembrar do exemplo do jornal *El Correo de Ultramar* que, desde seu lançamento em 1842, publicará, sob a forma de folhetim, os grandes romances de Alexandre Dumas, em francês e espanhol ao mesmo tempo. Impresso em Paris, sob os auspícios de um negociante domiciliado em Havana, o jornal era encaminhado via marítima aos principais portos da América Latina. Permitindo aos leitores do Rio de Janeiro, Montevidéu, Buenos Aires, Santiago do Chile, Valparaíso, Arequipa, Lima, Bogotá, como àqueles das Antilhas, San Salvador, Vera Cruz, Cidade do México e Nova Orleans lerem, algumas semanas após publicação, os principais textos ficcionais em voga na Europa, *El Correo de Ultramar* era o próprio símbolo de uma autêntica mundialização cultural (MOLLIER, 2008). Outro exemplo, mais conhecido, é o livro *Uncle Tom's Cabin*, que recebeu inúmeras traduções, na maioria das línguas europeias, após sua publicação nos Estados Unidos em 1852 (PARFAIT, 2007). Além da venda de centenas de milhares de exemplares do livro em inglês, francês, espanhol, português, alemão e italiano, não se deve esquecer a comercialização de inúmeros objetos à efígie ou à glória do personagem “*uncle Tom*”, transformado em forte símbolo do humanismo e da dedicação. Reproduzidos sobre tecidos, vidro, porcelana, madeira ou outros materiais, transformados em música, representados no teatro, os personagens criados por Harriett Beecher Stowe demonstravam o poder das ficções baseadas naquilo que Peter Brooks chamou de “a imaginação melodramática”, ou ainda uma “modalidade dramática do excesso” (BROOKS, 1976 e 2011) que conquistaria o mundo na velocidade dos barcos à vela, em seguida a vapor.

Se o nome de Alexandre Dumas foi dado ao asilo das crianças abandonadas da capital do Uruguai em 1851, isso se deve ao fato de que, no ano anterior, a leitura de sua narrativa *Montevideo ou une nouvelle Troie* – em grande parte inspirada nas lembranças que lhe confiara Melchor Pacheco Y Obes –, provocara o entusiasmo dos habitantes do grande porto do Rio da Prata, então em guerra contra a Argentina do general Rosas (DUPREY, 2006). Essas pessoas haviam brigado pelos exemplares do romance vindo de Paris e haviam imitado os operários das manufaturas de Havana que, dando o nome de “Montecristo” a um dos seus melhores charutos,

contribuíram para imortalizar o sobrenome do criador do *Comte de Monte Cristo*, com certeza um dos romances mais lidos no século XIX (MORETTI, 1997). Como a América Latina ainda era amplamente dependente da Europa para a impressão de seus jornais, revistas e livros, como para suas modas em vestimenta, teatro e ópera, a chegada de barcos provenientes do Havre e de Bordeaux (França), de Londres e de Liverpool (Inglaterra), de Cádiz, Sevilha e Lisboa (Península Ibérica) era considerada sempre um acontecimento. No entanto, vários livreiros tinham deixado a Espanha e Portugal para se estabelecerem nos Estados recém-independentes, logo seguidos por outros profissionais, principalmente franceses, tais como Baptiste-Louis Garnier e Anatole Garraux que criaram as maiores livrarias do Rio de Janeiro (GRANJA, 2018) e São Paulo (MIDORI, 2011), respectivamente. Outros livreiros franceses menos conhecidos se instalaram no México, na Colômbia, na Argentina e, sem dúvida, em outros países do subcontinente nos quais contribuíram fortemente para construir as bases de um comércio do livro cada vez mais próspero ao longo do século XIX.

Além desses comerciantes, capazes de se deslocarem no espaço a milhares de quilômetros de sua cidade natal, fenômeno característico desse século XIX que vê milhões de imigrantes europeus se juntarem aos milhões de africanos transportados para a América Latina na época áurea do tráfico negreiro, certo número de instituições favoreceu as trocas e a circulação dos impressos. Foi o caso, inicialmente, dos gabinetes de leitura, como, por exemplo, o famoso *Real Gabinete Português de Leitura* do Rio de Janeiro, fundado em 1837 por cerca de quarenta imigrantes vindos de Portugal, e que devia contribuir fortemente para a adaptação das literaturas europeias no Brasil (AZEVEDO, 2008; MARTINS, 1990). Não se tratava de disponibilizar Camões ou apenas autores lusitanos, propunha-se aos sócios livros e revistas impressos em francês, inglês, espanhol, italiano e alemão (SCHAPOCHNIK, 1999). Ao lado dessa importante instituição da capital do Brasil, o *Grêmio Literário e Recreativo de Belém*, fundado em 1868 nas portas da Amazônia², confirma a sede de leitura e de recreação cultural, como mostra tão bem seu título oficial, que animava os recém-chegados à América (AUGUSTI, 2016 e 2017). Antecedendo a criação de verdadeiras bibliotecas populares abertas a todos, esses clubes assumiam funções importantes na sociabilidade das elites (CHARTIER, 1995), e também testemunhavam a vivacidade das trocas culturais entre as grandes cidades portuárias do Brasil e da Europa.

² Um primeiro Gabinete Português de Leitura foi aberto em Belém em 1857.

Outras cidades aproveitaram essa corrente, principalmente aquelas de Minas Gerais onde salas de ópera, existentes ainda hoje, lembram o amor pela música e pela arte lírica. A Amazônia, por sua vez, conheceu fenômenos similares e a Ópera de Manaus, inaugurada em 1896, confirma a força desse movimento que existia, evidentemente, nos primeiros estabelecimentos europeus tanto no Recife, quanto em Salvador ou Rio de Janeiro (FAUSTO, 1999; VIDAL; DE LUCA, 2011). Pouco estudada até hoje, a circulação das partituras musicais e dos libretos de ópera, mais tarde das cantigas populares impressas sobre folhas avulsas, portanto malconservadas e frágeis, inscreve-se no mesmo contexto que vê os periódicos ligados à vulgarização dos conhecimentos, livros práticos, manuais de bricolagem e obras de medicina popular se difundirem pelo mundo. Menos prestigiosos que os grandes romances e todos os impressos que dizem respeito ao campo da literatura no sentido restrito do termo, as folhas avulsas não deixaram traços tão visíveis nas bibliotecas e, por isso, atraem pouco a curiosidade dos pesquisadores (MOLLIER, 2015b). No entanto, elas não devem ser negligenciadas, pois a circulação dos impressos de um lado para outro do Oceano Atlântico inclui a totalidade dos escritos que foram embarcados nos vapores, seja em se tratando dos belos volumes ricamente encadernados destinados aos proprietários de terras e profissionais liberais, seja dos pequenos fascículos da literatura de cordel tão presente no Nordeste brasileiro, como em Salvador e no Rio de Janeiro no século XIX (CURRAN, 2009; AMORIM, 2009).

2 O caixeiro-viajante na origem da editora “Garnier frères”

Originários de uma linhagem de camponeses normandos que habitavam a Península do Cotentin, a meio caminho entre a comuna de Coutances e a abadia do Monte Saint-Michel que separa a Bretanha da Normandia, os irmãos Garnier nasceram em uma família de trabalhadores da terra instalada em uma região onde a imigração era, de certa forma, a escolha de todos aqueles que a terra não podia nutrir (GIRARD, 2011). Embarcando em direção à Inglaterra depois ao Quebec e aos Estados Unidos e, logo em seguida, à América do Sul, os normandos desenvolveram precocemente um *habitus* migratório igualmente observado entre os “barcelonnettes”, habitantes dos Alpes do Sul que, a partir da cidade de Barcelonette, fixaram-se no México antes de construírem, na idade da aposentadoria, mansões que lembravam o país de adoção (MARTIN, 2008). Segundo estudos sobre o comércio ambulante na Europa, é geralmente nas regiões montanhosas, Escócia nas ilhas britânicas, Alpes e Pirineus na França,

onde se recrutam os viajantes que escolhem o comércio ambulante como profissão sazonal (FONTAINE, 1993). Camponeses da primavera ao início do outono, eles pegam a estrada quando o frio se instala e “descem” em direção às planícies onde vendem os produtos do artesanato montanhês. Os mais empreendedores deles acrescentaram rapidamente outros objetos em seu cesto, em seu pacote de mercadorias ou em sua carriola. As estampas, os almanaques, os “*livrets bleus*” – equivalente francês da literatura de cordel – as canções e os livros vieram juntar-se à bagagem do caixeiro-viajante do século XVIII (CHARTIER; LÜSEBRINK, 1996).

Certo número de estudos que versam sobre as origens da livraria espanhola, portuguesa e mesmo brasileira mostraram que alguns desses caixeiros-viajantes originários dos Alpes do Sul, de Briançon e de Gap, cidades bastante próximas de Barcelonnette, arriscaram-se para além das montanhas, atravessaram os Pirineus e fizeram descendentes em Barcelona, Madrid, Cádiz, Sevilha, Lisboa ou Porto (BOTREL, 1986; DOMINGOS, 1991). A grande livraria médica e científica Bailly-Baillière de Madrid foi, durante muito tempo, o símbolo desse espírito de aventura que levou vários membros da família Baillière de Paris a se instalar em Londres, Madrid, Newmark e Melbourne, onde quatro deles transformaram-se em livreiros e editores e trabalharam em estreita relação com a matriz em Paris (GOUREVITCH, VINCENT, 2006). Outros livreiros franceses estabelecidos em Lisboa, tais como Aillaud e Bertrand, viajaram ao Brasil e estiveram na origem do desenvolvimento da editora de Francisco Alves, no Rio de Janeiro (ABREU, 2014). No mesmo momento, final do século XVIII e início do século XIX, outros comerciantes, que podem ser mais bem qualificados de negociantes, e, além disso, originários das zonas marítimas e portuárias, e não das montanhas, iniciaram a travessia em direção às Antilhas e à América do Norte, tais como os Bossange de Bordeaux, que abriram livrarias tanto em Nova Iorque quanto em Montreal (FELKAY, 1988). Nesse último caso, notar-se-á que as butiques deles eram uma espécie de *stores* onde se encontravam tanto móveis, louça, casacos de pele, roupa de cama, quanto livros e papel. Essa precisão é importante, pois nos faz lembrar que a livraria, tal como a entendemos e conhecemos no século XXI, especializou-se apenas recentemente na venda exclusiva de livros e jornais, enquanto todos os testemunhos recolhidos sobre o século XIX e início do século XX mostram a grande heterogeneidade do conteúdo dos comércios ditos de livraria (MOLLIER, 1997; SOREL; LEBLANC, 2008).

Esse comércio ambulante poderia ser qualificado de polivalente ou multiforme e mereceria ser mais bem estudado em um país como o Brasil, onde várias levas de imigrantes

povoaram Pernambuco, Minas Gerais, Amazônia e, por fim, a região de São Paulo. Ainda que os arquivos locais e as bibliotecas conservem poucos documentos sobre essa atividade na qual a “grande” literatura tem pouco espaço, ela foi essencial no processo de aculturação das populações e no ensino da moda e do consumo, incluindo o cultural, da Europa. A imprensa popular, os jornais comerciais, os arquivos policiais e judiciais conservam, certamente, traços dessas atividades por meio de processos ou apreensões judiciárias, processos de falência, sem relação aparente com nosso objeto de pesquisa sobre a circulação de impressos. No entanto, podem se revelar fontes preciosas para melhor se conhecer o comércio ambulante no Nordeste ou na Amazônia no momento da abertura dos gabinetes de leitura de São Luís do Maranhão, Belém, Manaus e Recife. A riqueza patrimonial e arquivística dessas bibliotecas de associações ou clubes não deve nos fazer esquecer que, paralelamente e fora desses circuitos de apropriação de bens culturais, existiam outras redes capazes de importar e distribuir impressos, na maior parte das vezes misturados a outras mercadorias. Isso nos leva à realidade atual na qual o comércio do livro de *second hand*, como dizem os anglo-saxões, não é apenas negócio de sebos, mas também dos vendedores ambulantes que expõem suas bancas provisórias no mercado, no momento de uma feira ou perto de uma estação ferroviária. Esses livreiros “*étalants*”, como eram conhecidos na Paris dos séculos XVII e XVIII, ou os livreiros “*du trottoir*”, como são chamados no Oriente Médio, estão bastante presentes em toda a América Latina hoje e a observação deles permite compreender melhor o que foi a atividade dos irmãos Garnier em seus primórdios (MOLLIER, 2009; DUBUC, 1984).

Nascidos em uma família de nove filhos, *Pierre Auguste* em 1807, *Auguste Désiré* em 1812, *François Hippolyte* em 1815, e *Baptiste-Louis*, o “brasileiro”, em 1822, estavam familiarizados com o comércio ambulante desde a mais tenra infância. Na verdade, a Península do Cotentin era uma terra de imigração, interna e externa à França, e desde o final do século XVII os vendedores ambulantes normandos associavam estreitamente a mercearia e a quinilharia ao comércio de impressos. Fazendo bom negócio com linha, fitas, tecidos, vestidos, xales, e os pequenos objetos em metal, o *livret bleu* (DELCOURT; PARINET, 2000) levava o sonho e o desterro aos habitantes dos pequenos vilarejos antes que, na segunda metade do século XVIII, os vendedores ambulantes se aventurassem em territórios mais longínquos no interior e visitassem as grandes fazendas que começavam a se abrir para o mundo do livro (MELLOT, 2000). Como em toda aventura individual, uma parcela de contingência veio, no entanto, juntar-se a esse contexto propício aos deslocamentos espaciais e

à mobilidade social. Nesse caso, foi a proposta de um livreiro normando estabelecido em Paris, Joseph-Martin de Saint-Jorre, de trazer para perto de si um jovem caixeiro a quem ensinará a profissão, que se revelou decisiva. Auguste Garnier, o quinto irmão da família, então com doze anos de idade, foi o escolhido, e não seus dois irmãos mais velhos, Pierre Auguste e Jean-Baptiste sem dúvida por parecer, ao recrutador do livreiro parisiense, mais inteligente ou mais capaz, mais determinado também que os outros. Esse “sargento recrutador”, um normando conhecido como Gérard, era cliente do pai deles – que havia se tornado açougueiro em Quettreville –, e originário da cidade de Saint-Lô, assim como Joseph-Martin de Saint-Jorre (SAINT-JORRE, 1985).

Diga-se, para começar, que Pierre e Hippolyte Garnier se juntarão a Auguste na capital da França, onde os livreiros originários da região da Normandia formam uma verdadeira “colônia”, assim como os pedreiros vindos de Creuse; os negociantes de vinho e de carvão, originários da Auvergne; os camareiros, da Lorraine; as amas de leite, de Nièvre, ou as que sabem fazer de tudo, da Bretanha. Na Paris que é então um verdadeiro *melting pot* das províncias, os caixeiros de livros possuíam uma aura especial e vários garotos que se dedicavam às especiarias ou à mercearia sonhavam em entrar em uma “boutique de leitura” com o intuito de encontrar um emprego estável e gratificante. Boutique de leitura será o nome dessas lojas quando se tornam realmente especializadas (MOLLIER, 2015a). Para Auguste Garnier, a profissão consistia, inicialmente, em mostrar suas capacidades físicas ao descer, todas as manhãs, os grandes pacotes de livros armazenados nas estantes ou no sótão e instalá-los na loja à disposição das barcas. Tratava-se também de, durante o dia, levar ao correio, à diligência e depois à estrada de ferro, os pacotes de livros destinados à província. A formação intelectual do “livreiro” iniciante acontecia na prática. Esta consistia, de início, no desenvolvimento de uma espécie de ciência inata da bibliografia, uma vez que o cliente não suportava esperar por aquilo que buscava. A elaboração de catálogos era da competência do livreiro, que distinguia cuidadosamente seu “acervo”, quando era editor, do “estoque”, composto por livros que provinham de outras oficinas. Assim, deu-se certa especialização e, na primeira metade do século XIX, livreiros “clássicos” se consagravam aos manuais escolares; livreiros antigos, ao livro de erudição, enquanto outros profissionais privilegiavam o livro de medicina, jurídico, prático, de vulgarização, ou ainda libretos teatrais e musicais (MOLLIER, 2010).

Instalado no bulevar Montmartre, no famoso “bulevar do crime”, isto é, no bairro dos teatros onde se representavam os melodramas na moda, *L'Auberge des Adrets*, *Robert Macaire*,

mais tarde *Le Chiffonnier de Paris* e *Les Deux Orphelines*, Joseph-Martin de Saint-Jorre também possuía um gabinete de leitura vizinho à sua livraria, o que lhe permitia conhecer com bastante precisão o gosto, variável, dos leitores (CHAMPION, 1913). Assim, Auguste Garnier, como seu irmão Hippolyte, que se tornara caixeiro da livraria Delaroche, perceberam, com interesse, o retorno da paixão, nos anos de 1820, tanto pela "literatura filosófica" do século XVIII, isto é, tanto pelos grandes pensadores que foram Voltaire, Rousseau, Diderot e Montesquieu, quanto pela literatura licenciosa, até mesmo erótica e pornográfica, que foi tão bem estudada por Robert Darnton em seus vários livros sobre a França pré-revolucionária (DARNTON, 1991). Se dissermos desde já que Pierre Garnier, com quem os dois precedentes estavam em contato direto, especializou-se nesse comércio ilícito, compreenderemos que a livraria apresenta um espectro muito mais amplo do que o que se entende geralmente nos dias de hoje. Condenado pelos tribunais em 1851, Pierre Garnier será oficialmente renegado pelos seus irmãos, Augusto e Hippolyte, mas, para a polícia parisiense, os três Garnier haviam aproveitado muito bem a diminuição do rigor da vigilância administrativa, consecutiva à Revolução de Julho de 1830, para se entregarem ao comércio do livro clandestino nos anos entre 1830 e 1833 (MOLLIER, 2010).

3 Da casa editorial “Garnier frères” de Paris à Casa editorial Garnier Hermanos

É com a venda clandestina de livros tais como *Le rideau levé ou l'éducation de Laure*, *Les amours et galanteries des actrices*, *Les Mémoires de Suzon*, *La Belle Cauchoise*, *Les Veillées d'une maison de prostitution*, *Mylord l'arsouille*, *Sainte Nitouche*, *Justine ou la vertu*, do Marquês de Sade, e ainda *The Life and Adventures of Silas Shorewell*, um dos clássicos atemporais da literatura erótica até o final do século XX, que os três cúmplices alcançaram o que Karl Marx chamaria de "acumulação primitiva de capital" (MOLLIER, 2010, p. 326-327). Rompendo com seu irmão condenado pelos tribunais, mas conservando para si os benefícios desse comércio, Auguste e Hippolyte Garnier conseguiram facilmente "lavar" esse dinheiro "sujo" reinvestindo-o no livro clássico em língua francesa e, depois, em castelhano e em português. Na verdade, no momento em que estavam estabelecidos por conta própria na galeria de Orléans, sob o peristilo Montpensier, no Palais-Royal, onde deixavam os caminhantes folhearem os livros lícitos e olharem, dissimuladamente, outros volumes dentre os quais encontravam-se alguns ornados de gravuras inequívocas, os dois irmãos Garnier não descansaram até se tornarem mediadores junto ao público dos autores mais prestigiosos. Essa reconversão necessitou de

vários anos, mas lhes permitiu aumentar a livraria que ocupava, no início dos anos de 1840, três butiques nas galerias do Palais-Royal e uma outra, situada na Rua Richelieu, próximo à Biblioteca Real (MOLLIER, 2010, p. 327).

Trabalhando na margem direita do Sena, no bairro dos negócios (a Bolsa de Valores situa-se a dois passos dali) e do lazer, em razão do grande número de teatros, eles tiveram todo o tempo para observar de perto o gosto da clientela pelo romance dito "de novidade". É por isso que a primeira operação de grande envergadura deles consistirá na compra do acervo do livreiro-editor Henri-Louis Delloye, em 1846, no qual encontraram propriedades literárias ainda inexploradas de Balzac, Chateaubriand e Victor Hugo, assim como as *Mémoires* do Duque de Saint-Simon, um dos sucessos mais duráveis do catálogo (FELKAY, 1990). Além disso, em 1848, aproveitando a crise econômica que devastava a França há dois anos, adquiriram o acervo do livreiro-editor Jean-Jacques Dubochet, um dos principais editores de Balzac no final de sua vida. Ao lado dos autores já citados, os irmãos Garnier puderam, dessa forma, apresentar um catálogo que incluía Alfred de Musset, Augustin Sainte-Beuve (que lhes será fiel até a morte) ou ainda o naturalista Buffon (de quem reeditarão a *Histoire naturelle*). Os catálogos da casa editorial *Garnier frères* de Paris, conservados na série Q/10 da Biblioteca Nacional da França, confirmam o crescimento dessa grande casa editorial³ que, em 1848, podia se vangloriar de estar no topo do mercado livreiro parisiense, rivalizando com as casas editoriais Michel Lévy frères, Charpentier, Dentu e Firmin Didot. Graças ao dinheiro ganho com essa atividade lucrativa, assim como na Bolsa de Valores, onde Hippolyte Garnier tornou-se um dos negociadores mais sagazes e, segundo certas fontes, o banqueiro, ou melhor, o agiota de sua profissão, Augusto Garnier e seu irmão comprarão o imponente hotel Pidoux, um desses magníficos "hotéis particulares" parisienses, isto é, um imenso imóvel de cinco ou seis andares situado na Rua Lille, nº. 1, e Rua Saints-Pères, nº. 6, dessa vez na margem esquerda do Sena. Eles transferem para esse local, em 1852⁴, a sede da "livraria clássica", como ela própria é chamada, e, acrescentando-lhe ainda, em 1854, a "Biblioteca latino-francesa" de Charles Louis Fleury Panckoucke – mais de duzentos títulos no catálogo –, eles justificam amplamente o nome "livraria clássica", que soa como uma espécie de vingança social e apaga suas origens miseráveis.

Editores das *Œuvres complètes* de Buffon, das *Mémoires* do Duque de Saint-Simon, da "Biblioteca latino-francesa" de C.L.F. Panckoucke, das *Œuvres complètes* de Musset

³ BnF, série Q/10 B: catálogos da casa editorial *Garnier frères*, 1835-1900.

⁴ BnF, série Q/10 B: catálogo *Garnier frères* de 1852.

(preparadas pelo irmão do escritor), da célebre edição Furne-Dubochet da *Comédie humaine* (a última revisada por Balzac antes de sua morte) e também das *Chansons*, do poeta-cantador Béranger (ilustradas com belas gravuras), das *Aventures de Robinson Crusó* e das *Voyages de Gulliver*, eles tomaram gosto pela tradução, continuando, ao mesmo tempo, a aumentar a variedade de seu catálogo (MOLLIER, 2010, p. 329; MOLLIER, 2018). Uma nova oportunidade apareceu em 1849, quando a *Librería Española y Clasica*, de Vicente Salva Pérez, foi colocada à venda após a morte de seu proprietário. Gramático e filólogo reputado, livreiro e deputado liberal, Pérez teve que deixar seu país, a Espanha, para se instalar em Londres, em 1824, antes de transferir para Paris, em 1835, a casa editorial que havia fundado. Instalada na Rua Lille, nº. 4, a *Casa Editorial Salva Vicente y Hijo* não sobreviveu à morte de seu fundador (SALVA REIG, 2003; INFANTES; LOPEZ; BOTREL, 2003), e os irmãos Garnier, que se interessavam pela América Latina há alguns anos, retiraram desse catálogo prestigioso as bases de sua expansão para o outro lado do Atlântico. Tendo em seu acervo livros de educação tais como *Catecismo de la Doctrina cristiana*, *Catecismo histórico*, dito de Fleury, e *El Catón cristiano*, eles possuíam os três manuais indispensáveis para se inserirem no mercado latino americano das instituições religiosas. Junto com o *Nuevo Diccionario de la lengua castellana* e a *Grammatica de la lengua castellana* que haviam feito a reputação do sábio Vicente Salva Pérez, e uma seleção de autores clássicos considerados como os mais representativos do Século de Ouro espanhol, o acervo da livraria, que acabavam de adquirir Auguste e Hippolyte Garnier, ia se revelar determinante para o futuro (MOLLIER, 2018).

Ao decidir transferir o conjunto de suas lojas para a Rua Lille e Rua Saints-Pères (essas duas vias são perpendiculares, a Rua Lille sendo paralela ao Sena e a Saints-Pères levando a Saint-Germain-des-Prés), eles adentram no bairro histórico onde nasceu a livraria francesa. A partir desse momento, vão concorrer com a livraria Hachette e as casas editoriais mais solidamente arraigadas no mundo universitário e escolar. Preocupados em ter bom gerenciamento, decidiram da mesma forma separar a casa editorial *Garnier Frères* da *Librería Garnier Hermanos*. Esta última publicará notadamente *Los Miserables*, tradução do romance-culto de Victor Hugo, em 1862, assim como uma excelente *Biblioteca de los Niños*, na qual se encontrava certo número de romances edificantes, tais como o famoso *Fabiola* ou *La Iglesia de las catacumbas*, a obra prima do cardeal Wiseman traduzida em todas as línguas do planeta em 1854. Os irmãos Garnier, para terem certeza de conhecer os gostos dos leitores latino-americanos, não hesitaram em se aliar com livreiros mexicanos e argentinos, sempre se

esforçando para estender ao conjunto do continente a exportação de seus livros impressos em castelhano, em Paris. Assim, firmaram aliança com um grande livreiro da Cidade do México, Don José Maria Andrade, proprietário da *Antigua Librería del Portal de Agustinos*, que se tornou correspondente deles para todo o México a partir de 1850 ou 1851. Pouco depois, eles abriram outra sucursal em Buenos Aires negociando com um livreiro argentino, como atestam inúmeros documentos comerciais (MOLLIER, 2018).

4 Da Livraria Garnier Irmãos à Livraria de B. L. Garnier

Pode-se achar surpreendente a trajetória latino-americana dos irmãos Garnier se se esquece que os grandes livreiros-intermediários, os propagadores de hoje, se interessaram pelo comércio transatlântico bem antes da Revolução Francesa. Nesse século XVIII fortemente marcado pelas atividades coloniais, eles se esforçaram para encontrar novos mercados para os produtos da "fábrica parisiense" – a moda, as roupas, os perfumes, as bijuterias, as joias (MACEDO, 1988) – e os vinhos, sendo os mais apreciados aqueles provenientes de Bordeaux. O livro francês juntou-se aos produtos supracitados à medida que a língua francesa se disseminava como uma língua diplomática e, logo, das elites do mundo todo. Se os irmãos Garnier seguiam os passos dos irmãos Bossange, grandes negociantes bordeleses, e dos irmãos Baillière, livreiros-editores parisienses do início do século XIX, eles visavam principalmente o mercado brasileiro antes de se direcionarem ao México e à Argentina. Na verdade, eles tinham enviado uma primeira vez o irmão caçula, Baptiste-Louis Garnier, em 1838, ao Rio de Janeiro, de acordo com as pesquisas realizadas por Lúcia Granja a partir de documentos inéditos. Isso significa que, com apenas dezesseis anos, o caçula da família Garnier não hesitou em vir sondar, para seus irmãos, o mercado carioca (GRANJA, 2018).

Baptiste-Louis voltou à Europa, mas partiu novamente no início dos anos de 1840 e, em 1844, abriu, aos 22 anos de idade, no número 29 da Rua do Ouvidor, a sucursal da casa *Garnier frères* de Paris sob o nome de *Livraria Garnier Irmãos*, que diz, em sua razão social, sua função essencial e sua vocação primeira: ser o fornecedor, para o conjunto da América Latina, dos livros editados e impressos pela firma parisiense. A propaganda publicada nos jornais locais mostrava claramente suas ambições:

Grande sortimento de livros clássicos, medicina, ciencias e artes, jurisprudência, literatura, ilustração, educação, devoção, atlas, mappas, geographicos, etc;

Livros franceses, portugueses, ingleses, italianos e outros; encarrega-se de qualquer comissão em livraria (MACHADO, 2004, p. 219)⁵.

É a partir da sucursal brasileira que foram travados laços com várias livrarias dos países vizinhos, mas na documentação recolhida até hoje não há arquivos provenientes da Livraria de B. L. Garnier que sucedeu, no início dos anos de 1860, à Livraria Garnier Irmãos. É provável que seja a entrada da França na guerra no México que tenha justificado a mudança da razão social, mas podemos supor que os laços entre os três irmãos não desapareceram por magia (MOLLIER, 2018). Levado pelo contexto ultranacionalista que sacudia o subcontinente diante de uma aventura militar que parecia, para opinião pública, uma invasão injustificada do México, a apagar os laços que uniam sua empresa à Livraria *Garnier frères* de Paris, Baptiste-Louis aproveitaria esse novo contexto para transformar sua sociedade, fazendo dela uma autêntica casa editorial brasileira.

Após sua morte, em 1893, Baptiste-Louis será considerado o inventor da literatura brasileira, pois seria um dos primeiros a remunerar os autores que publicava, seja nas revistas que acompanhavam a atividade da sociedade, seja nas suas coleções de livros os mais reputados (NEVES LOPES, 1998). Como se sabe, os escritores existem desde muito antes de os editores se encarregarem de publicá-los; no entanto, na medida em que os homens de letras escrevem textos (poemas, comédias, dramas, romances, ensaios), mas que são os editores que os transformam em livros, é fundamentalmente no século XIX que acontece a revolução que viu nascer a edição enquanto atividade independente da imprensa e da livraria propriamente dita (MOLLIER, 2015a). Esse fenômeno, que não é exclusivo do Brasil, produziu-se tanto na Europa quanto na América Latina, mas, aqui, ele foi mais tardio, e pode-se compreender por que, ao exportar para seu país de adoção os métodos que haviam transformado os simples livreiros em autênticos editores, considerados no mesmo nível dos escritores e, conseqüentemente, dos intelectuais, Baptiste-Louis Garnier construiu para si não apenas um império no mundo das letras, mas também uma reputação de mediador sagaz e conselheiro atento (GRANJA, 2018).

Aproximando-se assim da linha dos grandes livreiros-editores europeus, Baptiste-Louis Garnier foi incontestavelmente um dos pioneiros da atividade editorial, no sentido moderno do termo, no Brasil. Seus catálogos de 1870 a 1900 atestam sua mudança de orientação⁶. Se ele continua a ser o intermediário – o propagador – dos editores europeus, principalmente franceses,

⁵ Publicidades extraídas da imprensa carioca (*Jornal do Comércio*, etc.) dos anos de 1860, e reproduzidas com as marcas comerciais da livraria.

⁶ BnF, série Q/10B, catálogos da livraria de B. L. Garnier, 1864-1893.

o que tinha sido sua atividade exclusiva de 1844 a 1864, ele passa, a partir de 1864, a editar em seu próprio nome os poetas e escritores locais. A vedete incontestável de sua livraria e de sua casa editorial aberta no centro comercial do Rio de Janeiro (GRANJA, 2018) será Machado de Assis. *Memórias póstumas de Brás Cubas*, em 1881, *Quincas Borba*, dez anos mais tarde, simbolizam seu predomínio sobre o mundo das letras brasileiras. Com o passar dos anos, os editores concorrentes, dentre os quais Anatole Louis Garraux, outrora seu caixeiro, instalou em São Paulo uma grande e sólida casa editorial aproveitando a afluência de novas populações na cidade paulista para desenvolver sua própria empresa (MIDORI, 2006). O falecimento de Baptiste-Louis Garnier, em 1893, não alterou o dinamismo de sua casa editorial, e seu irmão Hippolyte, seu único herdeiro, enviou um gerente à capital brasileira. Este fez algumas mudanças bastante importantes para dar continuidade à *Livraria de B. L. Garnier* enquanto grande loja na qual se compravam livros e desfilavam aqueles com certo prestígio social (GRANJA, 2018). Esta iniciativa, sem dúvida justificada no plano comercial, fragilizava uma casa editorial que precisava aumentar o sortimento de seu catálogo, diversificar seu acervo e continuar a explorar novos autores para se instalar de maneira permanente. Ao se observar as análises propostas por Lúcia Granja, temos a certeza de que Baptiste-Louis Garnier ganhou muito dinheiro em seu comércio de livros, pois era proprietário de grande número de imóveis no centro do Rio de Janeiro quando morreu. A venda desses imóveis permitiu ao novo gerente demolir e reconstruir a livraria, agora instalada entre os números 65 e 71 da Rua do Ouvidor. A inauguração solene do belo e novo imóvel ocorreu em 1898.

No entanto, novamente centrada mais na comercialização de volumes do que no lançamento de novas vanguardas ou promoção de autores até recentemente desconhecidos, essa estratégia puramente comercial deveria, rapidamente, fragilizar a empresa, que foi colocada à venda pelos herdeiros de Hippolyte Garnier após sua morte em 1911. Depois de seis décadas de presença na capital brasileira, a casa Garnier do Rio desaparecia da paisagem tropical, mas ela soube estabelecer laços profundos com os meios intelectuais, os escritores, advogados, médicos, professores e artistas, que precisam ser aprofundados. Da mesma forma, as relações comerciais mantidas com os livreiros dos grandes portos do país e aqueles das zonas interioranas, do Recife a Porto Alegre, como do Recife a Belém e Manaus, ou do Rio de Janeiro a Belo Horizonte, continuam pouco conhecidas. Seria importante, dentro desse campo de estudos, compreender melhor e esclarecer a penetração, no interior do Brasil imperial e republicano, de uma cultura europeia, depois brasileira, que acompanha a própria vida do país e

passa pela mediação dos grandes livreiros. O comércio da literatura clandestina é outro aspecto dessas trocas que continua bastante misterioso. Como vimos em relação à atividade dos irmãos Garnier em Paris, a venda das obras-primas da literatura erótica lhes dera muito dinheiro na Europa, especialmente na França e na Grã-Bretanha. Os relatórios dos comissários da livraria parisiense, no entanto, insistem na exportação, para a América Latina, de uma parte desses livros, após a condenação de Pierre Garnier pelos tribunais em 1851.

Considerações finais

Se os dois livreiros estabelecidos, Auguste e Hippolyte Garnier, não tivessem sido finamente incomodados pela justiça por terem preferido entregar, de boa vontade, uma parte do estoque de livros proibidos às autoridades policiais, estas não se deixavam enganar pela má fé dos irmãos e os acusavam de esconder uma parte desses volumes e de tê-los expedido para além-mar, isto é, para o Brasil e o restante da América Latina (MOLLIER, 2010). Apesar das pesquisas recentes, não foi possível, até o momento, localizar em bibliotecas privadas ou públicas alguns desses volumes, mas se pode assegurar que Baptiste-Louis Garnier soube encontrar, no Rio de Janeiro, assim como nas grandes fazendas do Brasil, leitores desejosos de satisfazer paixões que a Igreja e a polícia reprimiam e perseguiram. Mesmo que esse aspecto da circulação transatlântica dos impressos não seja o mais conhecido nem o mais importante, ele continua inscrito no coração de um movimento de trocas no qual o *Almanaque Garnier*, um dos principais do país, como bem mostrou Eliana de Freitas Dutra, foi o símbolo das ligações unindo Paris e o Brasil (DUTRA, 2015).

Referências

- ABREU, M. *Los caminos de los libros*. El tránsito de libros entre Portugal y Brasil. London: Kindle Books, 2014.
- AMORIM, M. A. Catálogo do acervo particular (7300 folhetos) [DVD]. Recife: Governo de Pernambuco, 2009.
- AUGUSTI, V. Edições de romances em fascículos no Grêmio Literário Português do Para. In: CASTELLANOS, S.; CASTRO, C. A. (Org). *Livro, Leitura e Leitor: perspectiva histórica*, São Luís: EDUFMA, 2016, p. 577-591.
- AUGUSTI, V. Coleções de romances franceses na rota do Atlântico. In: ABREU, M. (Org.). *Romances em movimento: a circulação transatlântica dos impressos (1789-1914)*. Campinas: Editora da Unicamp, 2016, p. 61-91.

- AZEVEDO, F. C. Contributo para traçar o perfil do público leitor do Real Gabinete Português de Leitura: 1837-1847. *Ciências de informação*, Brasília, vol. 37, n. 2, p. 20-31, 2008.
- BOTREL, J.-F. Les libraires français en Espagne (1840-1920). In: *Histoire du livre et de l'édition dans les pays ibériques*. Bordeaux: PUB, 1986, p. 61-84.
- BROOKS, P. *L'imagination mélodramatique, Balzac, Henry James, le mélodrame et le mode de l'excès* [1976]. Tradução de Saussier, E.; Sfar, M.F. Paris: Classiques Garnier, 2011.
- CHAMPION, H. *Portraits de libraires*. Les frères Garnier. Paris: Imp. Armand Fleury, 1913.
- CHARTIER, R. *Sociétés et cabinets de lecture entre Lumières et romantisme*. Genève: Société de lecture, 1995.
- CHARTIER, R.; LÜSEBRINK, H.-J. (Org.). *Colportage et lecture populaire : imprimés de large circulation en Europe. XVI^e-XVIII^e siècle*. Paris: IMEC Ed./Ed. de la MSH, 1996.
- CURRAN, M., *Retrato do Brasil em Cordel*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2011.
- DARNTON, R.. *Edition et sédition. L'univers de la littérature clandestine au XVIII^e siècle*. Traduction française. Paris, Gallimard, 1991.
- DELCOURT, Th.; PARINET, E. (Org.). *La Bibliothèque bleue et les littératures de colportage*. Paris: ENC/Troyes, La Maison du boulanger, 2000.
- DOMINGOS, M. *Colporteurs ou livreiros? Acerca do comercio livreiro em Lisboa, 1727-1754*. *Revista Biblioteca Nacional*, Lisboa, p. 102-142, 1991.
- DUBUC, A. Les colporteurs d'imprimés au XIX^e siècle en Seine-Inférieure. In: *Actes du 105^e Congrès nationale des sociétés savantes, Caen, 1980*. Paris: CTHS, 1984, p. 147-161.
- DUPREY, J.-A. *Dumas, Pacheco et La Nouvelle Troie*. Montevideo: Ediciones del Bichito, 2006.
- DUTRA, E. de F., *Rebeldes literários da República. História e identidade nacional no Almanaque Brasileiro Garnier (1903-1914)*. Belo Horizonte: UFMG, 2005.
- FAUSTO, B. (Org.). *Fazer a América: a imigração em massa para a América Latina*. São Paulo: Edusp, 1999.
- FELKAY, N. La librairie Bossange. In: GALARNEAU, C.; LEMIRE, M. (Org.). *Le livre et la lecture au Québec (1800-1850)*. Québec: Institut de recherche pour la culture, 1988, p. 43-58.
- FELKAY, N. Henri-Louis Delloye, éditeur de Chateaubriand, Balzac, Victor Hugo et al. *Nineteenth Century French Studies*, p. 336-347, spring-summer 1990.
- FONTAINE, L. *Histoire du colportage en Europe. XV^e-XIX^e siècle*. Paris: Albin Michel, 1993.
- GIRARD, M. *Les Manchois dans le commerce du livre et de l'estampe à Paris, en France et à l'étranger, du XVI^e siècle à nos jours*. Sully-la-Tour: Michel Girard, 2011.
- GOUREVITCH, D.; VINCENT, J.-F. (Org.). *Jean-Baptiste Baillière et fils, éditeurs de médecine*. Paris: De Boccard, 2006.
- GRANJA, L. Chez Garnier: Paris-Rio (de Homens e de Livros). In: GRANJA, L.; DE LUCA, T. R. (Org.). *Suportes e mediadores: a circulação transatlântica dos impressos (1789-1914)*. São Paulo: Editora da Unicamp, 2018, p. 55-80.
- INFANTES, V.; LOPES, F.; BOTREL, J.-Fr. (Org.). *Historia de la Edición y de la Lectura en España. 1472-1914*. Madrid: Fundacion German Sanchez Ruiperez, 2003.

- MACEDO, M. J.de. *Memórias da Rua do Ouvidor*. Brasília: UnB, 1988.
- MACHADO, U. *A Etiqueta de livros no Brasil: subsídios para uma história das livrarias brasileiras*. São Paulo: Edusp, 2004.
- MARTIN, Ph. De Barcelonnette au Mexique et retour (pour certains). Histoire d'une émigration réussie. *Le Globe*. Revue genevoise de géographie, n. 148, p. 173-197, 2008.
- MARTINS, A.L. *Gabinetes de leitura da província de São Paulo: a pluralidade de um espaço esquecido, 1847-1890*. 1990, Dissertação (Mestrado em História), USP, São Paulo.
- MELLOT, J.-D. Libraires en campagne : les forains normands du livre à la fin du XVIII^e siècle. In: BOUGÉ-GRANDON, D. (Org.). *Le livre voyageur. Constitution et dissémination des collections livresques dans l'Europe moderne (1450-1830)*. Paris: Klincksieck, 2000, p. 153-176.
- MIDORI DEAECTO, M. *No império das letras: circulação et consumo dos livros na São Paulo oitocentista*. 2006, 220p. Tese. (Doutorado em História), USP, São Paulo.
- MIDORI DEAECTO, M. *O império dos livros*. São Paulo: Edusp, 2011.
- MOLLIER, J.-Y. (Org.). *Le commerce de librairie en France au XIX^e siècle, 1789-1914*. Paris: IMEC Ed./Ed. de la MSH, 1997.
- MOLLIER, J.-Y. *O camelô*. Figura emblemática de comunicação. São Paulo: Edusp, 2009.
- MOLLIER, J.-Y. *O dinheiro e as Letras*. História do capitalismo editorial. São Paulo: Edusp, 2010.
- MOLLIER, J.-Y. *Une autre histoire de l'édition française*. Paris: La fabrique, 2015a.
- MOLLIER, J.-Y. Sources and methods in the History of the Books, Publishing and Reading. In: ABREU, M; SURIANI DA SILVA, A.C. (Org.). *The Cultural Revolution of the Nineteenth Century. Theatre, the Book-Trade and Reading World*. London, New York: I.B. Tauris, 2015b, p. 27-43.
- MOLLIER, J.-Y. Uma livraria internacional no século 19, a livraria *Garnier frères*. In: GRANJA, L.; DE LUCA, T.R. (Org.). *Suportes e mediadores: a circulação transatlântica dos impressos (1789-1914)*. São Paulo: Editora da Unicamp, 2018, p. 33-54.
- MORETTI, F. *Atlante del romanzo europeo*. Turin: Giulio Einaudi editore, 1997.
- NEVES LOPES, C. *Les relations éditoriales entre le Brésil et le Portugal: la place du livre et de l'édition dans le processus de la colonisation et de la décolonisation culturelles*. 1998, Thèse (Doctorat en histoire), Université Paris 7, Paris.
- PARFAIT, C. *The Publishing History of Uncle Tom's Cabin, 1852-2002*. Aldershot: Ashgate Publishing, 2007.
- SAINT-JORRE, J. de. Libraires et marchands d'estampes parisiens originaires du Cotentin. *Les Cahiers de l'ODAC*, n. 1, octobre 1985.
- SALVA REIG, C. *Vicente Salva, un valenciano de prestigio internacional*. Valencia: Institución Alfonso el Magnifico, 1972.
- SCHAPOCHNIK, N. *Os jardins das delícias: gabinetes literários, bibliotecas e figurações de leitura na corte imperial*. 1999, 181p., Tese. (Doutorado em História), USP, São Paulo.
- SOREL, P.; LEBLANC, F. (Org.). *Histoire de la librairie française*. Paris: Ed. du Cercle de la Librairie, 2008.
- VIDAL, L.; DE LUCA, T.R. (Org.). *Les Français au Brésil. XIX^e-XX^e siècles*. Paris: Les Indes savantes, 2011.